

# Ivo Guilherme Correia Figueiredo

Licenciado em Engenharia Física

# Investigation and Characterization of materials towards building ionization vacuum gauges

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Engenharia Física

Orientadores: Prof. Doutor Orlando Teodoro Doutor Nenad Bundaleski

Júri:

Presidente: Prof. Doutora Isabel Catarino Arguente: Prof. Doutora Susana Sério Vogal: Doutor Nenad Bundaleski



# Investigation and Characterization of materials towards building ionization vacuum gauges

Copyright © Ivo Guilherme Correia Figueiredo, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Nova de Lisboa.

A Faculdade de Ciências e Tecnologia e a Universidade Nova de Lisboa têm o direito, perpétuo e sem limites geográficos, de arquivar e publicar esta dissertação através de exemplares impressos reproduzidos em papel ou de forma digital, ou por qualquer outro meio conhecido ou que venha a ser inventado, e de a divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição com objetivos educacionais ou de investigação, não comerciais, desde que seja dado crédito ao autor e editor.

#### Acknowledgements

Foremost I would like to thank Dr. Nenad Bundaleski for the immense help he provided me during the course of my thesis. His guidance and insight proved critical towards reaching the goals initially proposed, and his optimistic outlook helped me endure through the several setbacks that occurred throughout these six months. I would also like to thank Prof. Orlando Teodoro for approaching me to work on this thesis providing me the opportunity to work on his lab. His knowledge in this field proved enlightening and allowed me to learn the workings of a physics lab.

I would like to extend my gratefulness to Afonso Moutinho, for his massive contribution to solving the electronics issues which were common during my work, as well as Ana Fonseca for her help both in the lab and in writing this thesis. Furthermore, I would like to thank my friends Ricardo Silva and Francisco Canhoto for putting up with me for five long years and for incentivizing me to display some much-needed effort in studying, as well as my colleagues that worked on the CEFITEC Surface Science lab with me, namely Cristiano Dionisio, Rubén Aguincha and Gonçalo Alves, all of which allowed for a pleasant work environment.

Lastly, I would like to thank my family for their support and encouragement to study further and for the sacrifices they had to make to allow me this opportunity.

#### Resumo

O manómetro de ionização é um dos medidores de pressão mais utilizados para medição de pressões baixas. Em teoria este tipo de dispositivos poderia ser utilizado para medir pressões extremamente baixas. No entanto, quando utilizados para medir pressões mais baixas estes manómetros sofrem de problemas de estabilidade levando a um acréscimo da incerteza da medição, que por sua vez limita a gama de pressões de trabalho. Apesar dos processos que influenciam a estabilidade destes sistemas serem bem conhecidos, pouco estudo foi feito com vista a melhorar o próprio sistema. De encontro com o projeto europeu EMPIR *"Towards a documentary standard for an ionization vacuum gauge"*, este trabalho tem como objetivo propor materiais mais adequados para utilização em todo o tipo de manómetros de ionização. Dito isto, este projeto foca-se no estudo de um dos maiores problemas que afetam a estabilidade das medições feitas com manómetros de ionização, nomeadamente a produção de eletrões secundários induzida por iões (IISEY), através da medição da função de trabalho e da degradação da superfície antes e após a exposição a condições idênticas às observadas em manómetros de ionização de diferentes materiais e correlacionar estes parâmetros com as medições de IISEY.

Dos materiais candidatos foram escolhidos o molibdénio, ouro e aço inox. Em todos os casos tornou-se evidente que contaminação do elétrodo coletor por carbono é inevitável, mesmo em condições limpas. Esta contaminação tem origem no interior do próprio material, no caso de materiais técnicos, e maioritariamente na grelha atrativa. Em geral, aumento de carbono resulta numa redução de IISEY. Chegou-se à conclusão que a IISEY é altamente influenciada pelas condições superficiais. Como tal, trabalhar com espécies exóticas levará a eventual adesão de diferentes compostos, levando a alterações de IISEY. Embora não conclusivo, o inox e o ouro aparentam ser os mais indicados dentre os candidatos.

Palavras-Chave: IISEY, Manómetro de Ionização, XPS, Função Trabalho

ii

#### Abstract

lonization gauge systems are one of the most frequent types of pressure measurement devices used for measuring very low pressures. In theory this type of devices could be used to measure extremely low pressures. However, when working in the lower end of the pressure range the ionization gauges suffer from stability issues leading to an increase in measurement uncertainty, which in turn limits the pressure work range. While the processes that influence the stability of these systems are fairly well known, not much has been done towards improving the actual systems. In line with the European EMPIR project "*Towards a documentary standard for an ionization vacuum gauge*", this project aims towards proposing materials better suited for usage in regular ionization gauges. With that said, the project will focus on the study of one of the most pressing problems regarding the stability of the measurements made with ionization gauges, namely lon Induced Secondary Electron Yield (IISEY) from ion collectors, by measuring the sample's work function and surface degradation before and after exposure to environments similar to those present in ionization gauges and correlate them to measurements of the IISEY obtained mid exposure.

Different candidate materials were chosen, namely molybdenum, gold and stainless steel. In all cases it became evident that carbon contamination is an inevitable occurrence in the collector electrode, even in clean environments. This contamination was deemed to originate from the material itself, in technical materials, and mainly from the filament and the grid electrode. In general, carbon content increase meant a decrease of IISEY. IISEY was deemed heavily influenced by surface conditions. As such, working with exotic species should provide adhesion of different compounds, therefore changing the IISEY. While not conclusive, stainless steel and gold seem to be the better suited of the candidate materials.

Keywords: IISEY, Ionization gauge, XPS, Work Function

iv

# Index

Figure	List	vii
Table l	list	ix
List of	Symb	ols and Abbreviationsxi
1. Ir	ntrodu	uction1
2. F	undar	nental Concepts5
2.1.	lo	n Induced Secondary Electron (IISEY)5
2.2.	X-	Ray Spectroscopy (XPS)8
2.3.	Re	esidual Gas analysis11
2.4.	W	ork Function (WF) measurement11
2.5.	IIS	EY measurement13
3. St	tate o	f the art – Instabilities of the ionization gauges related to IISEY from a collector 15
4. E	xperir	nental Setup
4.1.	Ex	perimental Equipment
4.2.	Re	epairs and improvements of the existing setup19
4	.2.1.	Reconstruction of the fast entry lock pumping system
4	.2.2.	Reconstruction of the detection electronics21
4	.2.3.	Design of the new acquisition system for the RGA22
4.3.	Ex	perimental Procedures
5. R	esults	
5.1.	Μ	ass Analysis of the gas in the IGS27
5.2.	ln 30	fluence of the material exposure to the IGS discharge on the surface composition
5	.2.1.	Molybdenum
5	.2.2.	Gold
5	.2.3.	Stainless Steel
5.3.	In	fluence of the Ar discharge exposure on the sample work function
5.4.	IIS	EY before and after the exposure40
5.5.	Сс	ontamination analysis
5.6.	Lc	ng exposure
6 C	onclu	sions
7 R	efere	nces

# Figure List

Figure 1.1: Scheme of an Bayard-Alpert (BA) gauge, a type of Ionization gauge [2]	1
Figure 1.2: X-Ray Photoelectric Effect in Ionization gauges	2
Figure 1.3: Electron Stimulated Desorption of neutral (1) and ionic (2) species	2
Figure 2.1: Energy diagram illustrating Auger Neutralization process [6]	6
Figure 2.2: Comparison of IISEY of clean and contaminated metals [13]	7
Figure 2.3: X-Ray Photoelectron Spectroscopy setup [24].	10
Figure 2.4: QMS schematics [26].	11
Figure 2.5: Measurement of energy cutoff of the gold sample	12
Figure 2.6: Work function measurement setup	13
Figure 4.1: XSAM system used for this project	17
Figure 4.2: Schematic of the Ionization Gauge Simulator	18
Figure 4.3: Introduction and Preparation chambers vacuum setup. Modifications are highlig	hted
in red	20
Figure 4.4: RGA control software interface.	23
Figure 4.5: IISEY measurement setup.	25
Figure 4.6: IGS electric connections and sample positioning	25
Figure 5.1: Mass spectrum of the gas after Argon introduction into the IGS.	27
Figure 5.2: Mass spectrum of the gas after residual gas introduction in IGS.	28
Figure 5.3: Mass spectrum of the residual gas with IGS Off and On	29
Figure 5.4: Mo 3d <sub>5/3</sub> line before the exposure to the Ar discharge	31
Figure 5.5: Mo 3d <sub>5/3</sub> line after the exposure to the Ar discharge	32
Figure 5.6: C 1s line before the exposure to the Ar discharge	33
Figure 5.7: C 1s line after the exposure to the Ar discharge	33
Figure 5.8: Au main peak	34
Figure 5.9: SS's O 1s line before exposure.	35
Figure 5.10: SS's O 1s line after exposure	35
Figure 5.11: SS's Cr 2p <sub>3/2</sub> line before exposure	36
Figure 5.12: SS's Cr 2p <sub>3/2</sub> line after exposure	37
Figure 5.13: Mo secondary electron spectrum	38
Figure 5.14: Au secondary electron spectrum.	39
Figure 5.15: SS secondary electron spectrum.	39
Figure 5.16: Molybdenum IISEY before and after exposure	41
Figure 5.17: Gold IISEY before and after exposure.	41
Figure 5.18: Stainless steel IISEY before and after exposure	42
Figure 5.19: Evolution of the IISEY of gold with repeated exposure	43
Figure 5.20: Cu survey after prolonged exposure	46
Figure 5.21: Secondary electron spectra comparison following long exposure	47

# **Table list**

Table 5.1: Elemental quantification of the XPS spectrum for each sample.	.38
Table 5.2: Energy cutoff before and after exposure	.40
Table 5.3: Gold surface composition with exposure	.43
Table 5.4: Relative intensity of each carbon contribution	.44
Table 5.5: Copper surface composition throughout cleaning	.44
Table 5.6: Surface composition after different sample exposures.	. 45
Table 5.7: Surface composition of the cooper sample during long exposure trials	.47

х

## List of Symbols and Abbreviations

$E_{th}$ – Kinetic emission energy threshol	d $E_{m k}$ – Kinetic energy
$M_i$ – Ion Mass	h u – Photon energy
$m_e$ – Electron Mass	$E_b$ – Binding energy
$E_f$ – Fermi Energy	$A_X$ – Relative concentration of element X
$W_{\!f}$ – Work Function	$I_X$ – X element peak area
γ – IISEY	RSF(X) – Relative sensitivity factor of element X
$E_i$ – Ionization Energy	$E_{c}\;$ – Secondary electron energy cutoff

- IG Ionization Gauge
- HV High Vacuum
- UHV Ultra High Vacuum
- XHV Extreme High Vacuum
- BA Bayard-Alpert
- XP X-ray Photoelectric effect
- ESD Electron Stimulated Desorption
- IISEY Ion induced secondary electron yield
- XPS X-Ray Photoelectron Spectroscopy
- WF Work Function
- RGA Residual Gas Analyzer
- QMA Quadrupole Mass Analyzer
- SS Stainless Steel
- IGS Ionization Gauge Simulator
- FAT Fixed Analyzer Transmission

#### 1. Introduction

During the last decades the technology surrounding vacuum production has been steadily improving, reaching pressures as low as 10<sup>-14</sup> mbar [1]. However vacuum measurement devices haven't accompanied the evolution of vacuum production systems.

One of the most used devices for measuring hard vacuums are the Ionization Gauges (IG) given their versatility and large range of pressure measurements, covering High Vacuum (HV), via Ultra High Vacuum (UHV), to Extreme High Vacuum (XHV). Ionization gauges are characterized in accord to how the ionization occurs, whether with an electron emitting filament (hot cathode ionization gauges) or without it (cold cathode ionization gauges). This study will focus on the first type.



Figure 1.1: Scheme of an Bayard-Alpert (BA) gauge, a type of Ionization gauge [2].

Although several configurations of hot cathode ionization gauges exist, all of them share the same working principle (Figure 1.1). Electrons produced in the filament are attracted to a grid gaining energy. These electrons then collide with the residual gas particles, ionizing them. The ions are then attracted to the collector electrode. The measured ion current is proportional to the amount of the gas in the chamber, therefore allowing for pressure measurements.

While the working principle of these systems theoretically allow the measurement of the lowest pressures obtained in a laboratory, it is noted that the measurements obtained in higher grade vacuum systems are either very unstable or plain wrong. This is a result of several types of processes that result in unreliable pressure readings. Among them, X-ray induced

Photoelectric (XP) effect in the collector, Electron Stimulated Desorption (ESD) from the grid and Ion Induced Secondary Electron Yield (IISEY) from the collector are the most important [3].

XP, illustrated in Figure 1.2, occurs as a result of high energy electrons colliding with the grid. When this happens, X-rays are produced, which can then irradiate a material and produce secondary electrons by a photo effect. When this happens on the collector, an additional current will be measured of the same sign as the ion current, providing virtually higher pressure reading than the actual one. Since X-ray creation will mostly predominantly happen in the vicinity of the grid, several IG designs manage to limit XP contribution by hiding the collector from the grid [3].



Figure 1.2: X-Ray Photoelectric Effect in Ionization gauges.

As the name implies, ESD is a result of interaction between an electron and a surface. By coming into close proximity with a surface, the electron projectile can excite the surface atoms. The energy gained by said atoms is related to the minimum distance between it and the incoming electron. If enough energy is gained during this interaction, the atom can then be expelled from the surface as a neutral or ionic species (Figure 1.3). These species will eventually end up in the collector due to its charge, providing measurement uncertainty not unlike XP [3].



Figure 1.3: Electron Stimulated Desorption of neutral (1) and ionic (2) species.

IISEY is a process which occurs on ion-surface collisions. In it, the incoming ion is neutralized, resulting in the emission of an electron from the surface. This is a result of a combination of different phenomena with potential and kinetic energy origin, all of which will be described in more detail in the next chapter.

XP and ESD are not pressure dependent, which results in a fixed error of the readings throughout overall pressure range. This means that these mechanisms produce consistently higher pressure that the actual one in the chamber, which only becomes a concern when working at sufficiently low pressures. IISEY however is proportional to the pressure in the chamber, meaning that it produces the same relative error in both HV and XHV range. This results in added measurements' uncertainty. While the effects of the photoelectric effect can be mostly solved by hiding the collector from the grid, IISEY and ESD are more closely related to the materials. Therefore, by properly studying the changes of IISEY and ESD in different kinds of materials we can get better insight into which materials are better suited for usage in ionization gauges and, as a result, further extend the working range and the stability of these devices.

Unlike ESD, the existence of IISEY does not impose a direct measurement issue, since this effect can be taken into account via proper calibration. However, if IISEY of different ions is changing while the ionization gauge is operating, this presents a major problem since the conversion from current to pressure (i.e. ionization gauge sensitivity) is changing as well. With this in mind, the major idea of the project is to measure the changes in IISEY of different samples exposed to conditions similar to those in IG. The considered materials will be the candidates for the collector of ionization gauges, such as Au, Mo, etc. Due to the low ion energies reached in ionization gauges (i.e. 100 to 300 eV), IISEY is a process which will only take place at the first atomic layer, and mainly caused by the so-called potential electron emission. As such, it is strongly affected by the work function of the sample [4], the latter being dependent on the surface conditions, such as adsorption of different impurities. Consequently, Work function change of the samples will be measured before and after the exposure, with the goal of correlating work function changes with IISEY variations in to IG environment. Additionally, the samples surface will be analyzed with X-Rays Photoelectron Spectroscopy (XPS), to gain further insight into the surface modifications induced by the exposure.

In parallel to this work, a different IG design will be developed in line with the European EMPIR project "*Towards a documentary standard for an ionization vacuum gauge*". This new design should minimize ESD and photoelectric emission influence on the pressure measurements. With this in mind, this study will focus on IISEY process.

#### 2. Fundamental Concepts

#### 2.1. Ion Induced Secondary Electron (IISEY)

At first glance the process of IISEY appears to be purely related to the momentum transfer between ions and electrons and as such a strictly kinematic phenomenon. This type of process, in which kinetic energy of projectiles are used to excite electrons, is known as kinetic electron emission. Taking into consideration the approximations of the band theory, which states that the valence electrons of a metal can be considered as free electrons with varying levels of kinetic energy, ranging from zero to the Fermi energy ( $E_i$ ) in respect to the bottom of valence band, minimum ion projectile kinetic energy for which IISEY could occur can be calculated as

$$E_{th} \approx \frac{M_i}{2m_e} \left[ E_f - \sqrt{E_f \left( E_f + W_f \right)} + \frac{W_f}{2} \right] \quad (2.1)$$

,with  $E_{th}$  being the energy threshold,  $W_f$  the metal work function,  $M_i$  the ion mass and  $m_e$  the electron mass. In the case of AI ( $E_f = 10.6 \text{ eV}$ ,  $W_f = 4.3 \text{ eV}$ ) this threshold energy can be calculated to be 170 eV/u [5], whilst for gold it would be 270 eV/u when taking into consideration the effective mass of the electrons in gold [6]. Taking this information into account and considering the energy ranges in typical ionization gauge (up to 300 eV), it can be expected that most of the IISEY kinetical contributions are a result of hydrogen ion collisions, which coincidentally makes up most of the residual gas in the ultra-high vacuum range.

If only this kinetic mechanism is taken into consideration, it would be expected that IISEY for a particular ion would only occur above the energy threshold. However empirical data showed that IISEY also occur for most of the ions at energies below the threshold at a nearly constant rate. To fully explain the process of IISEY a potential energy of projectiles should be also considered. Process at which electrons are excited and eventually emitted using the projectile potential energy is known as potential electron emission.

One of the key aspects of this type of interactions is that the rate of potential electron emission is independent of the kinetic energy of ions. The first relevant model of this process was introduced by Hagstrum in 1954 [7]–[9]. This model stipulates that an ion can be neutralized through two distinct non-radiative processes in an ion-metal collision scenario.

The first one can occur when the difference between the metal valence electron energy and the unoccupied valence level of the incoming ion is greater than the work function of the metal. In this case, an electron from the metal can leave the surface and occupy an empty valence state of the ion, effectively neutralizing it (depicted as transition 1 in Figure 2.1). An additional valence electron of the metal will then be excited and emitted carrying the excess energy (transition 2 in Figure 2.1). This process, named Auger Neutralization (AN), is

5

responsible for most of the potential IISEY for atoms with high ionization potential  $E_{i}$ , such as noble gases. Typical example of such neutralization process is interaction of slow He<sup>+</sup> ions with metals. Assuming that the ion energy levels remain unchanged throughout the collision, the condition for electron emission through this process is  $E_i > 2W_f$ .



Figure 2.1: Energy diagram illustrating Auger Neutralization process [6].

On the other hand, if the projectile has unoccupied energy levels comprised in between the bottom of the valence band and the Fermi level of the metal, another process can occur. In this case, Resonant Neutralization (RN) takes place, in which a valence electron of the metal occupies this excited state of the projectile. Due to the natural tendency of matter to achieve better stability, the excited neutral projectile quickly decays in an Auger deexcitation process (AD): the energy gained by the deexcitation of the neutral is spent on the emission of an electron from the valence band or from the projectile single electron state above the valence level. This scenario is characteristic in Ne<sup>+</sup> collision with metals.

Both processes take place with transition rates of the order of 10<sup>-15</sup> s. Since these rates are similar to the duration of a single binary collision in this energy range, these phenomena can be expected to occur with high probability during the interaction of projectile with the first atomic layer. This was experimentally proved by Hagstrum [10].

Based on the simple assumptions introduced by Hagstrum in his original model (such as application of bulk parameters and assumption of uniform density of states [8]) Kishinevsky formulated the following relation between the ion induced secondary electron yield  $\gamma$  [11]:

$$\gamma = \alpha \left( \beta \times E_i - 2 \times W_f \right)$$
 (2.2)

Using known experimental data, Kishinevsky estimated the values of the parameters  $\alpha$  and  $\beta$  to be 0.2/*E*<sub>f</sub> and 0.8. Taking the same approach and by using a different set of experimental data, Baragiola and co-workers obtained very good agreement for  $\alpha = 0.032 \text{ eV}^{-1}$  and  $\beta = 0.78$  [12].

While taking all the above processes allowed for a better approximation the empirical data, it became evident that there were still unknown factors in play since the experimental data exhibited an energy dependence of the IISEY well below the expected kinetic energy threshold. In particular, this process is observed mainly in unclean or otherwise contaminated metallic surface.



Figure 2.2: Comparison of IISEY of clean and contaminated metals [13].

Further investigation revealed that ion induced secondary electron emission was also being observed when atomic projectiles were used, despite them having zero potential energy, which led researchers to believe that another, yet unknown mechanism driven by the projectile kinetic energy was happening at subthreshold energies. This was later explained as being originated from transiently formed autoionizing quasimolecules [6], [14]. This effect was first observed and explained by Fano and Lichten while studying Ar-Ar collisions in gas phase, culminating in the development of the electron promotion model for this type of collisions [15]. This model was expanded in order to include asymmetric collision in the work done by Barat and Lichten [16].

In simple terms, when two atoms reach very close proximity a quasimolecule is formed in which the atomic orbitals are transformed into molecular orbitals. In energy terms, this can be seen as a shift of the single electron energy levels which can be such that the crossings of low energy occupied levels with empty high energy levels occur. At the moment of these crossings, an electron can tunnel from one orbital to the other. As a result, an electron can occupy a much higher energy state and remain in said state after the atoms move apart from each other. The atom, previously highly excited in the binary collision, decays to the ground level expelling one or more electrons by Auger Effect. While this phenomenon was explained for atom-atom collisions in gas phase, the same result can be obtained in atomic projectile collisions with atoms of a solid.

The energy threshold for this process is related to the minimum distance between the interacting atoms. This model was clearly confirmed in a detailed study of Li and Ar ions colliding with clean AI metal, secondary electron emission originates from AI atoms previously highly excited in binary collisions with the projectiles [17].

#### 2.2. X-Ray Spectroscopy (XPS)

X-Ray Spectroscopy is a technique that allows quantitative analysis of the surface composition of all sorts of materials. This method takes advantage of the well know Photoelectric Effect in which electrons are emitted due to the absorption of light of a certain wavelength by a material [18]. The energy of these electrons is determined by the type of radiation and material in question, being expressed by the following formula

$$E_k = h\nu - E_b - W_f^{sample}$$
 (2.3)

where  $E_k$  is the kinetic energy of electrons inside the analyzer, hv is the photon energy,  $E_b$  is the binding energy of the level from which the electron was excited measured in respect to the Fermi level, and  $W_f^{sample}$  is the work function of the analyzer. By measuring the electron kinetic energy while knowing the incident radiation one can determine its binding energy. Since the binding energy is a characteristic property of an atom, this can be used to characterize the irradiated material. XPS works by constantly bombarding the sample with a known wavelength radiation while scanning the emitted electrons by energy, therefore producing an energy spectrum.

Given the nature of this phenomenon, electrons that are emitted from the inner layers of a material are more likely to lose part of their energy by interacting with the valence electrons of the sample. These electrons, if detected, no longer have information regarding the surface composition [19]. They instead contribute to the spectrum background. Because of this, XPS is mainly used to analyze the surface of a material, although different setups can be used to scan deeper layers.

Besides the elemental composition, XPS can also be used to determine the chemical bonds of the sample. The latter is practically unique, and therefore the most important, feature of this technique. In most of the cases bond formation between neighboring atoms in solids ends up with the polarization of the electron clouds so that the local electron density of the atoms is increased or decreased, depending on their electronegativity. This is experimentally observed as a chemical shift in binding energy: decrease of the electrons, and vice versa. Consequently, the electropositive atoms, which lose the electrons due to the bonding, have higher binding energies, whilst the electronegative atoms are characterized with lower

binding energies. The chemical peak shift is used for the bond identification. In addition, mere shape of the photoelectron lines can be sometimes used as a fingerprint of the chemical environment [20], due to the presence of shake-up satellites or other effects such as multiplet splitting. Such specific shapes are usually fitted by the superposition of different peaks having well-defined constraints (i.e. relative positions intensities and widths) [21], [22].

Alongside the photoelectron peaks, other lines can be observed which are a result of the Auger emission. When an electron from lower energy levels is removed from an atom due to the Photoelectric Effect, an electron from the higher bands will decay to take its place. The excess energy can be released by radiation or emission of an Auger electron. In the latter case, which is usually much more probable, this electron carries information of the atom's energy levels, and can be therefore used for the elemental identification.

Rough quantification of surface elemental composition can be achieved using the following equation

$$A_X = \frac{\frac{I_X}{RSF(X)}}{\sum_i^n \frac{I_i}{RSF(i)}}$$
(2.4)

in which  $A_X$ ,  $I_X$  and RSF(X) being the relative concentration, the peak area after removal of the background and the Relative Sensitivity Factor of an element X, respectively. It should be stressed that XPS quantification using eq. (2.4) can be performed only in the case of a single-phase systems. In other cases, more complex approaches are necessary.

XPS fitting are done using software such as Casa XPS. This program allows for several useful features such as energy calibration and background removal. Peaks are fitted to different types of line shapes according to the element in question. The majority of peaks are fitted using a product of Gaussian and Lorentzian functions since most peaks are symmetrical in nature. However, metallic peaks often display a prolonged tail and as such are fitted using asymmetric line shapes such as of several constrained Gaussian/Lorentzian lines or a Doniach-Šunjić line shape. Peak positioning and line shape choice is done using reference papers, such as [20], [21], [22], [23].



Figure 2.3: X-Ray Photoelectron Spectroscopy setup [24].

XPS equipment, presented in Figure 2.3, is a three-part system comprised of the X-Ray source, an energy analyzer and the detector. The X-Ray sources rely on the fact that when high energy electrons collide with a solid (anode in our case) characteristic radiation is emitted. Alongside with an energy continuum, the majority of the radiation is within a small wavelength range, providing almost fixed energy radiation source. Further improvements can be achieved through the usage of X-ray monochromators. Anodes are typically made of magnesium or aluminum [25]. Energy analyzers use electric field in order to scan the incoming electrons. The most common setup is the hemispherical energy analyzer. Electrons entering this device have their trajectories bent due to the electric field present between the hemispherical electrodes. The electrode voltages are adjusted so that only electrons with a selected energy can reach the detector. The energy resolution of these devices is proportional to the voltages used. Different parts of a spectrum will have different resolutions. To avoid this, most XPS systems work in Fixed Analyzer Transmission (FAT) mode which uses an array of lenses to decelerate the electrons, while maintaining the analyzer's pass energy constant. Typical detectors are channeltrons or channelplates. Both of these rely on channels made up of materials with high secondary electron yields. When an electron coming from the analyzer collides with the channel's walls a chain reaction occurs where electrons are successively multiplied. These make up a measurable current which is then transformed into digital data in the preamplifiers.

This technique is performed under UHV since the X-ray gun requires a minimum pressure in order to work properly (typically in the 10<sup>-8</sup> mbar range). Additionally, since this technique is highly surface sensitive, high vacuum is required to prevent the sample surface contamination. Consequently, the typical work pressure is in the 10<sup>-9</sup> mbar range or better, particularly when high precision measurements, including bond identification, are performed.

#### 2.3. Residual Gas analysis

Mass spectroscopy is a technique which allows elemental and molecular identification by taking advantage of their mass difference. In this study, mass spectroscopy was performed using a Residual Gas Analyzer (RGA), more precisely the QMG421 mass analyzer produced by Balzers. This device works by ionizing the gas in a chamber and then measuring the resulting ions mass using a Quadrupole Mass Analyzer (QMA). The ionization is performed through the usage of an electron emitting filament and an anode which produce electrons with energies up to 140 eV. The electrons are colliding with the gas inside the ionizing chamber and create ions, which are then accelerated towards the mass analyzer (Figure 2.4). This setup is remarkably similar to the one used in IGs and as such should provide insight into the ions produced in an IG environment. Mass measurement is performed using a quadrupole. This device is comprised of four parallel long electrodes and a detector, in this case a Faraday cage. Pairs of opposing electrodes are in a shortcut. The voltage applied between them is a combination of AC and DC components. lons having the same energy, but different masses enter the quadrupole mass analyzer. For a set of AC/DC voltages only ions with a certain mass to charge ratio will be able to traverse the quadrupole path, therefore reaching the detector. A QMA works by scanning the voltages (either by changing the frequency or the voltage module) and measuring the current reaching the detector. The results are often represented in a form of counts vs mass/charge ratio.



Figure 2.4: QMS schematics [26].

#### 2.4. Work Function (WF) measurement

Theoretically, the minimum kinetic energy of secondary electrons emitted from a surface, whether due to particle or radiation interactions, should be 0 eV. Consequently, the smallest energy detected to their energy spectrum (illustrated in Figure 2.5), i.e. the low energy cutoff, should be 0 eV. However, on their way from the sample to the analyzer, the electrons will be accelerated or decelerated due to the contact potential between the sample and the analyzer, a voltage generated from the contact of two metals. Consequently, the measured low energy cutoff ( $E_c$ ) will shift in accordance with the following equation.

$$E_C = W_f^{sample} - W_f^{analyzer}$$
 (2.5)

where is  $W_f^{sample}$  the sample work function and  $W_f^{analyzer}$  is the analyzers work function. Since the work function of the analyzer is a static value (it is not supposed to be changing during the ongoing experiments), changes in the sample work function will be observed as shifts of the energy cutoff. Therefore, following the energy cutoff shift of any secondary electron emission spectrum gives us direct insight into the changes of the sample work function.

However, one should have in mind that only electrons with  $E_c > 0 \text{ eV}$  will be able to reach the detector. If  $W_f^{sample} < W_f^{analyzer}$ , the cutoff will always be at  $E_c = 0 \text{ eV}$ , and the changes of the sample work function will not be observable. This is why the sample is always negatively biased in these measurements (-20.0 V in our case) to ensure repulsion of all electrons from the sample.

The setup used for the sample work function change measurement is schematically presented in Figure 2.6. In our realization of the sample work function change measurements, the X-ray source was used to induce secondary electron emission through the photoelectric effect from the biased sample. Secondary electron spectra were measured before and after different sample treatments in order to measure the energy cutoff, and consequently determine the work function changes.



Figure 2.5: Measurement of energy cutoff of the gold sample.



Figure 2.6: Work function measurement setup.

#### 2.5. IISEY measurement

The measurement of IISEY was accomplished through biasing the sample while under ion bombardment. When the sample was positively biased, the current measurement represents only the ion current reaching the sample since secondary electrons that would normally leave the surface will encounter a potential barrier and therefore remain in the sample. On the other hand, if the sample is negatively biased both the ion current and the leaving electron current will be measured. Furthermore, this biasing allows for repulsion of additional generations of electrons resulting from the ion bombardment. The ratio between these two measurements constitutes the IISEY value.

IISEY measurements proved difficult to obtain due to the space charging effects. Higher currents are more reliably measured. However, increasing the number of generated ions lead to the problems in ion extraction due to the space charging. Furthermore, this space charge means that the ions will have slightly bent trajectories which could mean that they miss the

sample. Taking this into account, IISEY measurements were done with ion currents in the nA range, using a high precision electrometer.

An important aspect to consider is that the measurement bombardment could be affecting the surface itself, therefore influencing the next measurements. Maximum recorded ion currents ranged in around 5 nA with a spot size of roughly 1mm<sup>2</sup>. This means that the ion current density is  $0.5 \ \mu A/cm^2$ , which equals  $3.13 \times 10^{12}$  ions/(s. cm<sup>2</sup>). Considering that measurements consists of 10 points, each lasting at most 20 seconds and that typically 1 cm<sup>2</sup> of solid material contains  $10^{15}$  atoms, this means that during one measurement around 60% of atoms are hit. Given the low energies at play only 0.2 to 0.5 atoms are expected to be removed as a result of an ion collision. All in all, following a full measurement about 20% of first layer atoms are removed. Since the most likely scenario is that the following measurements are identical, it is then safe that this won't be an issue during each IISEY measurement cycles.

# State of the art – Instabilities of the ionization gauges related to IISEY from a collector

Although the phenomenon of potential electron emission is generally understood since fifties, i.e. at the same time when Bayard-Alpert type of Ionization gauges was invented, the influence of IISEY from the collector on the IG instabilities was typically considered to have secondary significance. Indeed, there are only few studies of this phenomenon in IGs, typically performed during eighties or even earlier. However, in the "*EMPIR Towards a documentary standard for an ionization vacuum gauge*" project this issue is found to be particularly important, along with other well-known effects (such as electron trajectory and length distribution), in order to achieve the basic aim: finding a new generation of IGs providing 1 % long term stability.

It is known that long term operation of ionization gauges improves their stability and reduces the sensitivity of the system. The viability of tungsten and platinum for usage as the collector material, regarding its work function was studied in [27]. Using Auger Electron Spectroscopy, it was found out that the main contaminants present in the materials when exposed to air were O and C, for tungsten, and C, O, S, K, Ca and Ag, for platinum. After proper cleaning by annealing, they recorded an increase in the work function of 0.7 eV and 0.6 eV of tungsten and platinum, respectively. According to the Hagstrum theory, work function increase leads to a reduction of IISEY (eq. 2), which explains reduction of the detector sensitivity along the operation.

Another research led by Gentsch and co-workers proposed another configuration of IG, namely Screened Ionization Gauge (SIG), with all the electrodes being coated with gold [28]. This setup provided well defined ionisation path lengths (another important source of beam instabilities) and clean electrode surface (whilst operating at 250 °C), which guaranteed a stable work function and therefore stable IISEY. The study reported that when using a platinum collector, IISEY was changing during the operation due to the alloying of gold by the supported material. With this in mind, tungsten was concluded to be a better suited material since gold isn't soluble in tungsten.

While the effects of surface contamination on IISEY has been studied before, not much has been done regarding the effects of ion bombardment. A study [29] was done on the effect of noble gases bombardment with energies ranging from 100 eV to 600 eV on the work function of W and Au, as well as its eventual recovery by annealing. It was observed that for both gases used (Ar and He) the work function rose with the fluence of the ions. However, when using fixed fluences, tungsten work function was increasing with energy when using Ar<sup>+</sup>, while for He<sup>+</sup> the work function seemed to be uncorrelated to the ion energy. When testing with Au, the work function decreased with the ion bombardment, though no trend related to the gas used was noted. Regarding the recovery of the work function, while annealing was observed to be effective in tungsten, the same was not observer in gold. The results obtain were a result of the enhancement of the surface lattice atom migration and different gas release stages.

Clearly, IISEY from collector in IGs appears to be a very complex issue. It is not only dependent on the collector material and its temperature, but also on the pumping gas and the design and materials of other IG electrodes. The ion bombardment effect, which can influence the collector surface, directly depends on the gas composition. The surface contamination will depend on the residual gas, but also on the outgassing of the filament and possibly the grid. Finally, if one considers the Bayard-Alpert type IG, thermal and electron stimulated desorption from the grid should also be considered as a possible source of contamination. Consequently, it is hard to extract general guidelines for the appropriate collector material before identifying the expected contamination sources. The later will strongly depend on the details of the IG design and the materials used for the filament and other electrodes.

## 4. Experimental Setup

This chapter is dedicated to the overview of the experimental setup, as well as the experimental procedures adopted throughout this study. In addition, repairs and improvements of the systems are also listed and described in this chapter.

#### 4.1. Experimental Equipment

In order to obtain reliable results this study had to be done in a clean environment. Therefore, a three-part UHV system XSAM 800 (Figure 4.1) manufactured by Kratos was used, which allowed quick insertion of samples without significant contamination of the chambers in which the experiments were conducted. The Kratos system is comprised of three chambers separated by UHV gate valves, namely the insertion chamber, the preparation chamber and the analysis chamber. The sample is manually moved between the chambers using a long stainless-steel rod passing through two teflon rings securing vacuum isolation with a forked end to grab and transfer the sample holders.



Figure 4.1: XSAM system used for this project.

The insertion chamber is the one in which the transfer rod is inserted, as well as the one which allows introduction or removal of samples from the system. This chamber is fitted with a fast entry-lock system which allows easy mounting of samples on the fork with minimal leakage rates. When not transferring samples, this chamber is kept at 10<sup>-3</sup> mbar range using a rotary pump.

The preparation chamber was originally designed for different kinds of sample treatments such as thin film deposition or gas exposure. Connected to this chamber is a leak valve which allows introduction of different gases with high precision. This chamber also features a quadrupole residual gas analyzer (RGA) for chamber gas analysis and a XYZØ sample manipulator to move the sample as needed. A turbomolecular pump backed by the previously mentioned rotary pump is used to maintain the chamber at low 10<sup>-8</sup> mbar.

In order to simulate the conditions of a typical ionization gauge, a setup comprised of a tungsten filament, a positively biased tungsten grid and the extractor electrode, which hereafter will be referred to as the Ionization Gauge Simulator (IGS), was previously developed and mounted on this chamber. The schematic of IGS is presented in Figure 4.2. The design of IGS is based on that of electron impact ion sources. The latter is practically the same as the ionizer of residual gas analyzers (cf. Section 2.3) and similar to BA IGs. Electrodes are electrically separated using insulating pieces made of alumina (Al<sub>2</sub>O<sub>3</sub>). Beneath there is a hole through which gas can enter the IGS.



Figure 4.2: Schematic of the Ionization Gauge Simulator.

This system allows exposure of samples placed at the bottom of the extractor electrode with adjustable gas, ion and electron energy. While initially it was intended to both expose the sample and measure its IISEY, the production of unintended secondary electrons due to the ion collision with the extractor meant that the measurements were highly inconsistent and

inaccurate and, as such, it was only used to expose the samples to IG-like conditions. During the exposure, the sample is situated ~ 3 mm below the top end of the extractor electrode, which secures uniform irradiation of the sample surface (of circular shape with ~12 mm in diameter) by different charged and neutral species leaving IGS.

The analysis chamber is used for the surface cleaning and analyses (XPS, IISEY and work function change). It encompasses an ion sputter gun, a movable filament used for the sample annealing by electron bombardment, a sample manipulator identical to the one in the preparation chamber and a carrousel in which the samples can be stored for later usage. This chamber also features an XPS system comprised of an X-ray source (either Mg or Al), a hemispherical energy analyzer working in the Fixed Analyzer Transmission (FAT) mode and a set of three channeltrons with an associated preamplifier. The preamplifier is comprised of a set of three identical circuits which were responsible for the amplification, noise filtration and TTL pulse formation of the signal provided by a single channeltron. These signals are then transferred to the computer acquisition board using Line Driver/Receiver pairs. The channeltrons are mounted in such way that one of them is positioned directly between the analyzer electrodes, with the remaining channeltrons being positioned on opposing sides equally shifted from the central channeltron. This means that electrons reaching the side channeltrons will have slightly shifted energy in respect to the central one. A homemade acquisition program allows energy correction, shifting the spectra of the side channeltrons signal and subsequent sum of all three signals [30]. The high voltages required to operate the decelerating lens system and the hemispherical analyzer are produced using a set of computercontrolled sources. High voltage is produced using a cascade voltage multiplier which converts small AC voltages into higher DC voltages. These voltages are proportional to the analog control voltage provided by the computer, which allows simple voltage regulation. All analyzer voltages are a result of a voltage division of a single source. Channeltron voltages are operated on a similar principle with the difference that the voltage regulation is performed manually through the usage of built-in potentiometers.

Since several sensitive techniques are performed in this chamber it is pumped with a combination of a 270 l/s ion pump and a titanium sublimation pump, which provide base pressure in the low 10<sup>-10</sup> mbar range after proper baking.

#### 4.2. Repairs and improvements of the existing setup

Although the experimental setup was basically operational, several modifications were introduced in order to improve the experimental conditions. They encompass modification of the fast entry lock pumping system and rebuilding the acquisition system of the residual gas analyzer. In addition, the long-lasting problem of the channeltron preamplifiers, which culminated just before the beginning of the experiments, had to be resolved. Finally, the contacts of the control voltages had to be redone to make the system unaffected by the movement of cables that usually take place in every day laboratory work. All these improvements resulted in a system having considerably better abilities with respect to the initial ones.

#### 4.2.1. Reconstruction of the fast entry lock pumping system

Initially, the introduction chamber was pumped via a tube having a quarter inch diameter, which had to be improved. Once the introduction chamber is pumped down, a gate valve connecting it to the preparation chamber is open in order to transfer the sample. This procedure was initially increasing the pressure in the preparation chamber for 3-4 orders of magnitude. Since the sample transfer in the analysis chamber cannot be safely performed before the pressure in the preparation chamber reaches at least 10<sup>-7</sup> mbar range, the whole procedure was lasting hours.



1-Introduction Chamber 2-Preparation Chamber

Figure 4.3: Introduction and Preparation chambers vacuum setup. Modifications are highlighted in red.

The sample transfer time was reduced to 15-20 min by the following modifications, illustrated in Figure 4.3, where the original configuration and the improvements are colored black and red, respectively. First, we connected the fast entry lock with the entrance of the rotary pump using the elastic bellow having the 38.1 mm diameter and DN40CF flanges, which dramatically increased the pumping speed and therefore the base pressure in the fast entry lock before opening the gate valve. The second improvement was made by making a bypass between the fast entry lock and the preparation chamber using an UHV angle valve, which provides some control of its vacuum conductance. It is now possible to pump out the introduction chamber into the high vacuum range by slow and gradual opening of the angle valve, which dramatically reduces the pressure load in the preparation chamber.

#### 4.2.2. Reconstruction of the detection electronics

Low signal to noise ratio was the major problem of the whole system since the moment of its reassembling in the Laboratory. From time to time, the noise was even exceeding the true signal, which has been solved by changing the positions of different power supplies and of the cables connecting the preamplifier with the acquisition system. It should be noted that only one of the three preamplifier channels was able to work on an acceptable level. At the beginning of our experiments the noise problem became too much pronounced to be solved by pure improvisations. Therefore, the decision was made to identify the true source of noise and try to fix it.

While probing the system, several sources of instabilities were quickly identified, namely with the electron optics and channeltrons' high voltage power supplies.

Regarding the optics power supplies, most of their problems were attributed to the contact issues. Some of these issues were fixed by simply cleaning the contacts, while the rest required rebuilding the connectors themselves. Furthermore, some of the power transistors were noticed to be unusually hot. These were consequently replaced due to the failure. Proper thermal contact was done to prevent further heating issues.

The channeltrons' voltage source consists of two channels, with one of them being used to bias the inner and outer channeltrons and the other one being used to bias the remaining central channeltron. At the beginning of our experiments only one of these channels was working. While working on this unit, contact problems were identified pertaining to the connector's pins, which were loose therefore causing bad connection. After this issue was dealt with, a problem with the +15V supply voltage ripple filtering was identified. The unit was deemed faulty and swiftly replaced. At the end of the repairs, both high voltage channels were working as intended.

While these were definite improvements of the overall system, the main issue had yet to be resolved, namely the signal noise. The source of the noise was identified to be related to the preamplifier system. The noise problem was pinpointed to be related with the signal noise filtration after the first amplification stage. This part of the system used a differential comparator operational amplifier as a band-pass filter, which could be adjusted using a potentiometer located on the outside of the preamplifier. Through the usage of test signals, the problem was eventually discovered to be related to the band frequency being inadequate for the type of signal which the channeltron were providing. The pass band frequency is a function of the RC constant. With that in mind, the original 22 pF capacitors were replaced with 220 pF capacitors, therefore increasing the filtered frequency range. This provided an immense decrease in the previously observed noise.

While working on the preamplifier, it became apparent that there were issues with the discriminating potentiometers. The original setup used a single resistor coupled with the three potentiometers in order to change the RC constant. This meant that changes in one of the potentiometers would affect the rest. This flaw was fixed by replacing the resistor with three

others, and consequently decoupling the preamplifier channels. These resistors were increased to 10 M $\Omega$  (from the original 100 k $\Omega$ ) in order to allow higher precision of the band selection.

Several other changes were made with the goal of both further noise reduction in the system and prevention of eventual future problems. To start with, all the integrated circuits in the preamplifier were replaced with the pristine ones. The cabling to the acquisition board was repaired and proper shielding was made. While previously cabling positioning had to be constantly adjusted to avoid noise issues, it is no longer a contributing factor to the system noise. The acquisition box circuitry was also reworked by rearranging the cabling and removing ground loops which is a known source of noise. A faulty line receiver which was introducing noise to one of the acquisition channels was also replaced.

As a result of all these changes, all the preamplifier channels were made to work with acceptable noise (roughly 20-40 counts/s), which allowed much quicker and more reliable signal acquisition. As it currently stands, the detection system is substantially better than it ever was from the moment of the system purchase. Furthermore, all these changes lead to a better understanding of the system itself, which will prove helpful in solving future system malfunctions.

#### 4.2.3. Design of the new acquisition system for the RGA

As a result of the repairs on the acquisition box, the board's analog lines related to RGA were reconnected, returning it to a functional state. Previously developed Labview program was used for the processing and display of the RGA data. This program converts the analog differential signal into integer values using Labview's built-in functions. It then stores these values in an array and uses them to build a mass spectrum. This cycle is repeated until the user stops the acquisition.

The spectrum obtained through this method is inherently noisy. As a result, new code was implemented aiming to reduce the noise. The interface of the new software is shown in Figure 4.4. The method implemented consists of storing the data until the mass difference between the first and last stored measurement is equal or greater than the user defined range. These points are then averaged and used to build the new spectrum. A new range of points is then obtained and graphed until the final mass is reached. This process is done during acquisition.

In parallel to this, other improvements were carried out to make the software user friendly. Among these were the option to save the data in a format which can be easily imported to the data management software such as Excel, and the ability to perform mass calibration on the program itself. Using previously acquired spectrum, the user can select two points in order to calibrate said spectrum. If the user wishes so, this calibration can be used as a default for future measurements.



Figure 4.4: RGA control software interface.

#### 4.3. Experimental Procedures

The first step in this study involved choosing the materials for testing. From all the materials commonly used for electrode building, three were chosen: stainless steel (hereafter mentioned as SS), gold and molybdenum. Stainless steel was chosen because of its common use in all kinds of vacuum systems as well as its relative cheapness, with it being the first choice for collector composition of the new design which is being developed in the frame of the *Empir* project. Gold, on the other hand, is widely used as a coating in electrodes to minimize chemical reactions occurring at the electrodes themselves, so it is a material of interest in the project this study is part of. Molybdenum was one of the proposed materials, since it is widely used in ionization gauges. During the duration of the study, it became evident that some aspects of it had to be performed using highly pure samples. Towards that end, a single crystal copper sample was also tested. This sample was also used for XPS energy calibration using its Cu  $2p_{3/2}$  photoelectron and Cu L<sub>2</sub>M<sub>45</sub>M<sub>45</sub> Auger lines as references.

All samples, with the exception of the copper, are technical materials, in other words of a limited purity. A 10x10x2 mm 304-stainless steel sample was prepared by manually polishing its surface using sandpapers of increasing grain until a satisfactory mirrored surface was obtained. It then underwent an Isopropanol ultrasonic bath cleaning for a duration of 15 minutes to expel all manor of grease and fine particles from its surface. Following rinsing with distilled water, the sample was oven dried at a temperature of 110 °C for 10 minutes to evaporate excess water. A 10x10 molybdenum sample was obtained from a 0.15 mm thickness sheet produced by PLANSEE, with 99.97% purity. Given the nature of this sample, polishing wasn't performed since it was displayed a finishing similar to the materials used in vacuum. Similarly, to the SS sample, it was cleaned using the ultrasonic bath and oven dried. The copper and gold

foil samples were present in the analysis chamber and as such didn't undergo manual preparation. These were however sputter cleaned to remove the hydrocarbon layer which naturally develops with time on any surface. When not under the exposure, all samples remained deposited on the carrousel of the analysis chamber in order to preserve their surface conditions. Before the exposures, samples underwent several measurements.

The first of these was XPS analysis with the goal of finding the samples surface composition. During these measurements, XPS gun parameters were fixed to 10 mA of electron emission with 10 keV of acceleration. Two kinds of spectra were taken. The first one was a survey spectrum (low resolution) with the goal of the element identification and the peak location. This was done by scanning a broad section of the spectrum (from 0 eV to 600, for Au and Mo, or 1000 eV, for SS and Cu) with 0.5 eV energy steps lasting 0.5 seconds each in the FAT 40 mode (which means that analyzer pass energy is 40 eV). Following the peak identification, high resolution spectra was performed, which only scanned the elements' main peaks. For the better resolution, these were performed with a 0.1 eV energy step lasting 4 seconds each, in the FAT 20 mode.

After the composition analysis, work function was measured by finding the cutoff energy (E<sub>c</sub>) using the procedure described in the section 2.4. Lower X-Ray emission was used (1 mA of electron current with 5 keV anode voltage) alongside a narrowing of the analyzer's entrance slit so as to reduce the number of electrons reaching the channeltrons, therefore increasing its work span, and increase the resolution. A small python script code was developed to accurately determine the energy cutoff from the secondary electron spectra data. This script works by finding the linear portion of the spectrum and fitting it to a first-degree polynomial, which is then used to find the intersection with the background level. The first 10 points are averaged to obtain an estimation of the background level. Following this, the program looks for maximum count rate and its correspondent energy position. It then looks for the peak), using them to obtain a fitting linear equation. The energy cutoff is then analytically obtained by intercepting the fitted line with the background level.

Lastly, IISEY was measured. This measurement is performed using the ion gun present in the analysis chamber. Argon was used to avoid eventual chemical reactions occurring due to the ion implantation in the solid. The samples were biased either with -15V or +20V using two voltage sources. A scheme of this setup is shown in Figure 4.5.



Figure 4.5: IISEY measurement setup.

Following these measurements, the samples were transferred to the preparation chamber and placed underneath the IGS at a 3 mm distance from the extractor electrode (Figure 4.6). Argon was introduced using a precision leak valve, increasing the pressure from the low  $10^{-8}$  mbar range to roughly  $9 \times 10^{-6}$  mbar. IGS's filament current was gradually increased until 5 mA of electron emission was achieved, at which point the grid potential would be +200 V with respect to the filament, initializing the gas ionization and the exposure. Exposures lasted for 15 minutes, with an average ion current measured on the sample of 500 nA.



Figure 4.6: IGS electric connections and sample positioning.

Afterwards, the sample was put back in the analysis chamber, where XPS, WF and IISEY measurements were again performed.

Often the samples required cleaning due to excessive contamination. This was achieved using the same ion sputter gun used for the IGS measurements. Using it, the surface was bombarded with 1.5 keV Ar<sup>+</sup> ions to sputter away the surface contamination for 30 minutes. Following this, annealing was performed with the intent of promoting bulk contaminant migration to the surface. The sample was heated up to 300-400 °C (measured by the thermocouple attached to the sample holder) using 500 eV electrons emitted from the hot filament for 15 minutes. Sputter and annealing cycles were repeated until acceptable surface conditions were reached, upon which XPS, WF and IISEY measurements would be performed.

## 5. Results

In this chapter the data obtained during this study are compiled. In it, the mass analysis of the gases used in the experiments were analyzed in detail followed by the composition analysis results of different samples. IISEY and work function changes are then compiled and correlated with the XPS data. Afterwards, studies were performed on the single crystal cooper sample with the goal of identifying the contaminants' origin, as well as the results of the long-term exposure.

#### 5.1. Mass Analysis of the gas in the IGS

Before studying the exposure effects, there is a need to know exactly what kind of particles will interact with the sample. To that end mass spectroscopy done using the RGA was performed while introducing Argon (Figure 5.1) and concentrated rotary pump residual gas (Figure 5.2). The residual gas was introduced in the IGS by connecting the corresponding gas line with the volume between the turbo-molecular and the rotary pump.



Figure 5.1: Mass spectrum of the gas after Argon introduction into the IGS.



Figure 5.2: Mass spectrum of the gas after residual gas introduction in IGS.

As expected, the peak at mass 40, attributed to Ar<sup>+</sup>, is dominant in the mass spectrum taken in the first case (see Figure 5.1). While the presence of typical residual gas constituents, namely hydrogen and probably CO, along with argon is not a surprise, this cannot be said for the peak at mass 19. At this point, the origin of this mass, attributed to fluorine, is an open issue. It is, however, well known that fluorine is a constitutive element of Viton, which can be found in the chamber in the form of UHV compatible gaskets. The existence of doubly ionized species (as seen on 5.1) provides valuable insight into the IISEY measurements. Having species of higher ionization states means that some ions will have particularly high potential energy. The latter will certainly affect IISEY. On the other hand, doubly charged ions will gain twice as much kinetic energy for the same extraction voltage, so that the kinetic emission may be happening at lower apparent energies than initially expected.

In the mass spectrum of the residual gas (the gas being pumped by the rotary pump) dominate water and its fragments (peaks at masses 1, 16, 17 and 18) along with nitrogen and oxygen. The ratio between N<sup>+</sup> and O<sup>+</sup> peaks is close to the one in air (around 4:1), being a fingerprint of a leak present in the gas line. However, this ratio is of about 5:1 for the N<sub>2</sub><sup>+</sup> and O<sub>2</sub><sup>+</sup> peaks, which indicate the presence of CO<sup>+</sup>.

Another point of interest is the degassing of the IGS electrodes due to heating of electrodes by the filament and/or ion and electron bombardment. Because of the IGS activity the highly energetic electrons that are produced can interact with the grid resulting in particle emission due to ESD. These particles can then be ionized and collected by the sample, being deposited on its surface. Mass analysis was performed to understand possible contaminants coming from the electrodes using the same parameters as during the exposures.



Figure 5.3: Mass spectrum of the residual gas with IGS Off and On.

Figure 5.3 shows mass spectra of the gas in the preparation chamber with IGS on and off. One can see that under IGS usage the amount of CO<sup>+</sup> and C<sup>+</sup> appeared, which is indicative of the emission of hydrocarbons from the IGS. In addition, the peaks characteristic to water and hydrogen significantly increase. The later are expected surface impurities on the electrodes. Finally, one should note the appearance of the O<sub>2<sup>+</sup></sub> peak, probably indicating release of oxygen from surfaces covered with metallic oxides. To reduce the amounts of hydrocarbons emitted, the IGS was turned on during several hours so as to degas the electrodes. This procedure allowed some degree of reduction of the contamination. However, the electrodes were constantly being contaminated due to the sample introduction setup which meant that the process had to be redone periodically. Due to the time constrains and since the improvements were minor this was disregarded for the most part of the experiments. Fluorine peak can be also observed. This fluorine was speculated to come from Viton pieces that are located in the vicinity of the RGA. Due to the proximity to the filament, the Viton is degassed by heat. The intensity of the fluorine peak remained constant regardless of the IGS state. This is a confirmation of the previous speculation regarding its origin. Given the nature of this contamination its contribution to the study can be neglected since the RGA wasn't used during the sample exposure.

From this, several conclusions can be made regarding the exposure conditions. During the argon exposure,  $Ar^+$  and  $Ar^{2+}$  will be the predominant ions bombarding the sample, while residual gas would lead to a broader range of ions such as water fragments (HOH<sup>+</sup>, OH<sup>+</sup> and O<sup>+</sup>) and nitrogen (N<sub>2</sub><sup>+</sup> and N<sup>+</sup>). Additionally, carbon species (CO<sup>+</sup> and C<sup>+</sup>) are also expected to collide with the sample surface independently of the gas used, although in lesser quantities. As

for the exposure to the neutral species, water, hydrocarbon and oxygen molecules can be expected in the vicinity of the sample surface.

# 5.2. Influence of the material exposure to the IGS discharge on the surface composition

This section is dedicated to the composition analysis of the proposed materials both before and after the exposure to the argon discharge.

#### 5.2.1. Molybdenum

The spectrum taken from the molybdenum sample showed presence of three elements, namely Mo, C and O. The high-resolution spectrum of the Mo 3d line shows two Mo phases attributed to the metallic Mo (Mo  $3d_{5/2}$  at 228.3 eV) and oxidized molybdenum (Mo  $3d_{5/2}$  at 232.9 eV) [23]. This kind of XPS spectrum is typical for metallic surface long term exposed to air, when a thin oxide layer is formed on the top of a metallic bulk. The exact position of the oxide contribution MoO<sub>x</sub> undoubtable reveals that the dominant oxide phase is MoO<sub>3</sub> [23]. Metallic oxide contribution was also detected in the O 1s line. A significant amount of carbon can also be detected. Carbon line is positioned at around 285 eV which is typical for hydrocarbon contamination (so-called adventitious carbon) [31]. Alongside this, oxidized carbon can also be observed due to the presence of C-O and C=O contributions in both C 1s and O 1s lines. This result clearly indicates that the Mo surface is covered with a layer of hydrocarbons, which also contains some amount of oxygen, a top the MoO<sub>x</sub> layer and the bulk metallic molybdenum.

After the exposure, the amount of carbon increased (roughly 10%) while those of oxygen and molybdenum decreased. This change can be readily interpreted as the increase of the layer of hydrocarbon impurities. In addition, there is a clear difference in the shapes of all lines. By comparing the Figures 5.4 and 5.5, showing Mo 3d line before and after the exposure, significant drop of the MoO<sub>3</sub> becomes obvious. Besides, the oxide contribution is now shifted for 1.2 eV towards lower binding energies, which fits very well to Mo<sub>2</sub>O<sub>5</sub> phase [23]. This reduction of metallic oxides due ion bombardment is a well-known effect caused by preferential sputtering of oxygen. This means that, besides the additional hydrocarbon contamination, ion sputtering of the surface layers also takes place. In other words, two processes take place during the exposure at the same time: ion sputtering of the surface, contributing to the thinning and reduction of the MoO<sub>x</sub> layer, and additional surface contamination by hydrocarbons. Since the sputtering has to affect the initial hydrocarbon layer as well, we see that the increase of the carbon content is actually a net effect of the two processes. Exposure also influences the shape of the C 1s and O 1s lines. In the case of the former the relative amount of C-O bonds decreases with the exposure (Figures 5.6 and 5.7). Moreover, the initially present C=O

contribution disappears after the sample exposure to the discharge. This means that the content of the hydrocarbon contamination due to the exposure is different from that due to the air exposure: the amount of carbon is more dominant in the latter case. It should be stressed that the drop of the C-O bonds is obvious from the change of the O 1s line shape as well.



Figure 5.4: Mo  $3d_{5/3}$  line before the exposure to the Ar discharge.



Figure 5.5: Mo  $3d_{5/3}$  line after the exposure to the Ar discharge.

Having in mind low sputtering yield in the energy range used during the exposure (200 eV), significant drop of the  $MoO_x$  phase intensity implies its small thickness. This is indeed the case, having in mind high surface sensitivity and the fact that we are getting considerable signal from the metallic bulk.



Figure 5.6: C 1s line before the exposure to the Ar discharge.



Figure 5.7: C 1s line after the exposure to the Ar discharge.

#### 5.2.2. Gold

Similarly, to the Mo sample, the survey spectrum of gold showed signs of C and O contamination, apart from the gold. Unlike Mo however, oxygen was purely organic in nature, which is expected due to the inert nature of gold. The main photoelectron line of Au, Au 4f, is shown in Figure 5.8. It contains a single contribution (Ag  $4f_{7/2}$  at 84.0 eV), readily attributed to the metallic gold.



Figure 5.8: Au main peak.

After exposure to Argon discharge, the gold surface exhibited the same changes as the previous one: increase in carbon (6%) and oxygen reduction. The oxygen decrease rate is notably lower when compared with the Mo sample, which is to be expected since no oxide layer was present to be sputtered away.

#### 5.2.3. Stainless Steel

Stainless steel analysis before the exposure revealed hydrocarbon contamination identical to the other samples. Although Fe and Cr peaks can be observed, they are small when compared with the more predominant C and O. This is to be expected, since the carbon and oxide layer screen the metallic bulk. Detailed analysis of the high-resolution spectra of Cr 2p<sub>3/2</sub> and Fe 2p<sub>3/2</sub> lines revealed the presence of metallic oxides, most likely CrO<sub>3</sub> which makes up the protective oxide layer of SS, and organic oxygen.



Figure 5.9: SS's O 1s line before exposure.



Figure 5.10: SS's O 1s line after exposure.

Following exposure an increase in carbon (around 7%) was noted, with C-C becoming more predominant when compared with C-O bonds. As in the case of previous samples, the surface contamination during the exposure enhances the amount of saturated hydrocarbons (the relative amount of organic oxygen is decreased). The difference with respect to the Mo surface however appears concerning the metallic oxygen phase, which increased in intensity during the exposure. This can be observed when comparing the O 1s and Cr 2p<sub>3/2</sub> lines taken before (Figures 5.9 and 5.11) and after (Figures 5.10 and 5.12) the exposure. Metallic and Cr<sub>2</sub>O<sub>3</sub> contributions can be observed in Figures 5.11 and 5.12, but the oxide contribution increases with the exposure. Metallic contribution was fitted to an asymmetric line. That of Cr<sub>2</sub>O<sub>3</sub>, which has a complex shape due to the multiplet splitting effects, was fitted as a superposition of symmetrical peaks with well-defined constraints taken from the literature [21]. Comparison of both spectra seems to indicate a conversion of organic oxygen to metallic one. Given the predisposition of SS to spontaneously form a surface layer of Cr<sub>2</sub>O<sub>3</sub>, which prevents corrosion of this material, the result isn't surprising. A decrease of the intensities of metallic contributions of both Fe and Cr corroborate with this general scenario. Interestingly, the overall amounts of Cr and Fe remained mostly unchanged throughout exposure.



Figure 5.11: SS's Cr 2p<sub>3/2</sub> line before exposure.



Figure 5.12: SS's Cr 2p<sub>3/2</sub> line after exposure.

The results of the composition analysis before and after the exposure of the three samples are summarized in the Table 5.1. We clearly observe the same general trend: reduction of organic oxygen and additional contamination with saturated hydrocarbons. Having in mind that C is sputtered away alongside the oxide layers, it seems that parallel to the hydrocarbon layer being removed due to Ar sputtering, hydrocarbon contamination is occurring due to the IGS residual gas. In final, the net effect of the exposure to the IGS environment is additional contamination with saturated hydrocarbons.

		Quantification [%]			
Sample	Element	Before Exposure	After Exposure		
	Мо	11.75	13.39		
Мо	С	48.89	59.49		
_	0	39.36	27.12		
	Au	15.51	13.24		
Au	С	68.60	74.33		
	0	15.89	12.43		
	С	50.31	57.42		
66	0	41.46	34.31		
33	Cr	3.30	3.30		
	Fe	4.93	4.97		

Table 5.1: Elemental quantification of the XPS spectrum for each sample.

#### 5.3. Influence of the Ar discharge exposure on the sample work function

Work function measurements reveal a slight shift in the emission threshold, in other words, a change in the sample's work function. A shift of 0.10 eV, -0.25 eV and 0.38 eV were observed for molybdenum (Figure 4.13), gold (Figure 4.14) and stainless steel (Figure 4.15), respectively.



Figure 5.13: Mo secondary electron spectrum.



Figure 5.14: Au secondary electron spectrum.



Figure 5.15: SS secondary electron spectrum.

These results appear to imply that there is not a consistent trend in work function variation. In actuality, what we're seeing is carbon screening the sample, meaning that an increasing amount of the secondary electrons are emitted from the carbon layer on the sample's surface. This means that rather than either an increase or decrease in energy, the measured

work function shifts towards that of the screening carbon. These results are compliant with the reported decrease and increase in work function on [27] and [29], respectively. This is consistent with the increase in superficial carbon after exposure.

	Before (eV)	After (eV)
Мо	20.117	20.013
Au	19.715	19.966
SS	20.337	19.995

Table 5.2: Energy cutoff before and after exposure.

It is clear from Table 5.2 that exposure is leading the energy cutoff towards a value nearing 20 eV for all samples.

#### 5.4. IISEY before and after the exposure

Ar<sup>+</sup> ion energy dependence of IISEY from Au, SS and Mo samples before and after the Ar IGS discharge exposure is shown in Figures 5.16, 5.17 and 5.18, respectively. Similar shape can be observed in the case of Au and SS samples: IISEY is roughly constant till the energy of about 150 eV, which appears to be a threshold for the kinetic electron emission. The same shape is obtained in the case of Mo after the exposure. The only exception is obtained for the Mo sample before the exposure, which is characterized by rather high IISEY which decreases with the energy. Probable reason for this strange behavior is in the space charging problems during the measurements. It should be stressed that these measurements were repeated few times each in order to confirm their reliability. The reproducibility of the results is very high. Besides being affirmative concerning the measurements themselves, this is also a confirmation that the measurement process does not modify significantly the sample surface, as it was foreseen by the brief analysis performed in Section 2.5.



Figure 5.16: Molybdenum IISEY before and after exposure.



Figure 5.17: Gold IISEY before and after exposure.



Figure 5.18: Stainless steel IISEY before and after exposure.

After being exposed under the same conditions, all three sample's IISEY decreased. Kinetic emission threshold seems to be the same for all three samples, at around 150 eV. This could be explained by the common origin of the kinetic electron emission in all three samples (binary Ar-C or Ar-H collisions). Similarly to the changes of the work function, this is most likely due to the carbon screening effect, having in mind that IISEY is expected to be affected solely by the first atomic layer. However, while the values obtained after exposure for Au and SS samples are quite similar below the kinetic emission threshold (~7 %), IISEY in the low energy range for Mo is somewhat higher (~10 %). By comparison between the before and after curves of all three samples, it can be deduced that the difference in values is directly correlated with the sample in question since the molybdenum curves show the greatest deviation of both curves. This seems to imply that the carbon present on the Mo surface is not a uniform layer, but rather in a form of patches covering just a fraction of a surface. The difference between the Mo and other two samples could be related to the different fractions of surfaces covered by hydrocarbons.

If prolonged exposure to IGS continues to coat the sample, it is expected that identical IISEY curves would be obtained regardless the type of the sample. To verify this hypothesis, the gold sample was again exposed and subsequently analyzed.

Sample	Element	%
Au	Au	15.51
before	С	68.60
exposure	0	15.89
Au	Au	13.24
Initial	С	74.33
exposure	0	12.43
Au	Au	11.52
second	С	79.89
exposure	0	8.58

Table 5.3: Gold surface composition with exposure.



Figure 5.19: Evolution of the IISEY of gold with repeated exposure.

Despite observing a similar increase in carbon (cf. Table 5.3), the work function and IISEY returned to values comparable to those of the cleaner gold. This result proved highly unexpected given the results from prior exposures. One possible explanation is that the ions have enough energy to sputter the sample. This can result in a breach in the carbon layer exposing the previously covered surface. Another possibility is that the morphology of the surface influences measurements. Regardless the cause, this result is interesting and valuable, revealing a possible cause of the inherent ionization gauge uncertainty. To study the implications of this result in IG devices, further tests were performed in which a sample was exposed for a long period of time.

	Before (%)			First Exposure (%)			Second Exposure (%)		
Sample	C-C	C-0	C=O	C-C	C-0	C=O	C-C	C-0	C=O
Мо	63.74	26.57	9.69	79.4	20.6				
Au	85.23	14.77		78.12	17.55	4.33	78.15	18.66	3.18
SS	66.51	33.49		86.69	9.54	3.77			

Table 5.4: Relative intensity of each carbon contribution.

Looking at the data obtained so far, it seems that carbon composition plays an important role on the sample's IISEY. However, despite similar carbon make up, first and second exposure provided substantially different results. The only difference we find in our surface analyses between the sample before and after the second exposure is related to the structure of the C 1s line: after the second exposure the relative amount of C=O bonds decreased to the expense of, probably, C-O-C bonds. The results of the C 1s line fitting in all samples are summarized in Table 5.4.

#### 5.5. Contamination analysis

Following the exposure, the samples underwent sputter cleaning using the ion sputter gun in the analysis chamber, in order to perform further tests. However, after several cleaning cycles there was an unexpected increase in carbon on the surface, most predominant on the Mo sample. This phenomenon was attribute to the promotion of migration of contaminants inside the samples due to the formation of defects during the exposure and sputter cleaning. This means that for technical materials a gradual coating of carbon and other contaminants is expected to occur not only after prolonged exposure to the harsh environment of IG, but even just due to the ion bombardment, regardless the gases present in the chamber.

To test this hypothesis, measurements were performed with a single crystal copper sample which is expected to be of much higher purity. After repeated sputter cleaning, no increase in carbon was noticed. While oxygen could still be present in the surface, its contribution would be insignificant (<1%). These results are compiled in Tale 5.5.

			Cl	eaning cycl	es	
Sample	Element	1	2	3	4	5
	С	65.23	47.44	45.32	36.36	34.78
Cu	0	10.91	5.94	3.23		
	Cu	23.86	46.62	51.45	63.64	65.22

Table 5.5: Copper surface composition throughout cleaning.

To study the origin of the superficial carbon contamination solely due to the IGS discharge exposure, the copper sample was exposed to the IGS under different conditions. Firstly, the sample was placed in the exposure position with the IGS off with argon inside the chamber under the pressure of  $9 \times 10^{-6}$  mbar for 15 minutes. These are the conditions similar to the ones seen during the exposure. This served as a control test, which as expected did not affect the surface properties of copper. Afterwards, the sample was positioned as before but with the filament of the IGS turned on, with pressure and during a period identical to the previous. A small increase in carbon was observed, showing that external surface contamination does take place. For the last test, the sample exposed with the IGS fully on, in other words this exposure was identical to the previous with the added biasing of the grid to 200V, mirroring the conditions of exposure of the other 3 samples. As with the other samples a large quantity of carbon was deposited on the sample's surface. The results of the composition analysis, performed by XPS and given in Table 5.6, show that the hydrocarbon contamination is promoted by the ion bombardment. The result is rather surprising, having in mind that ion sputtering of the contamination layer expected. However, upon further investigation we found a couple of papers which study this phenomenon [32]-[36]. Apart from the sputtering, ion bombardment also contributes to the dissociation of previously adsorbed hydrocarbon molecules into free radicals. The latter are then cross-linked, forming chemically inert polymerlike structures. The two opposing effects may lead to the polymer growth or efficient removal of the hydrocarbon species, depending on the ion flux and energy, as well as the partial pressure of the volatile hydrocarbon species. The sputtering of polymerized hydrocarbons is efficient only with energetic ion beams performed under very low pressures. Consequently, under the exposure conditions, polymer growth is the predominant effect.

Type of Exposure	Element	Before (%)	After (%)	
Argon	С	39.21	40.95	
Argon	Cu	60.79	59.05	
Argon +	С	47.44	53.40	
Filament	Cu	52.56	46.60	
Argon +	С	32.68	80.11	
IGS On	Cu	67.32	19.89	

Table 5.6: Surface composition after different sample exposures.

Table 5.6 shows us that the majority of the carbon contamination occurs as a result of the ion bombardment. However, some degree of contamination occurs regardless, as can be seen on the second trial. This increase is most likely due to carbon released from the filament as a result of heating simply adhering to the sample.

To sum up, it seems hydrocarbon contamination will occur regardless of the gas introduced into the chamber. This contamination is in part a result of bulk contaminants migrating to the surface due to the formation of defects and majorly due to residual carbon in

45

the atmosphere adhering to the surface. Data seems to suggest that this adhesion is being instigated by the ion bombardment, since the control exposure (i.e. the one where the IGS was fully off) yielded no surface changes.

#### 5.6. Long exposure

Following the previous results, it is expected that with repeated exposure hydrocarbons will completely cover the surface of the sample, therefore remaining unaffected while the sample is under continuous exposure. To that end the copper sample was thoroughly sputter cleaned and afterwards exposed for around 6 hours under similar conditions as the previous tests. The following XPS spectrum showed traces of cooper (1.1 %) and a large amount of carbon (roughly 98.9%) which suggests that the sample is completely covered by hydrocarbons (Figure 5.20).



Figure 5.20: Cu survey after prolonged exposure.

Following this, the sample was again exposed under the similar conditions as previous trials. Of notice is the appearance of both oxygen and fluorine. Oxygen comes in the form of C-OH and O-C-O bonds, with no copper oxides being observable. Carbon peak shows a similar increase in organic bonds. Fluorine appearance is due to the sample scrapping a Teflon ring during its transition from the preparation chamber to the analysis one.

Sample	Element	Fresh	Long Exposure	Regular Exposure
	С	58.87	98.93	82.60
<b>C</b>	0			6.23
Cu	F			10.51
	Cu	41.13	1.07	0.66

Table 5.7: Surface composition of the cooper sample during long exposure trials.



Figure 5.21: Secondary electron spectra comparison following long exposure.

A significant shift in the low energy cutoff of the secondary electron emission spectrum is observed, of around 0.37 eV (Figure 5.21). The prediction for this exposure would be minor energy shifts due to the carbon saturation. However, as seen in Table 5.7, carbon reduction occurred while oxygen and fluorine appeared, possibly affecting the surface enough to cause this shift. Surprisingly, IISEY didn't change as dramatically as the work function, registering an overall increase of only 1.5%, or about 10% relative change.



Figure 5.22: IISEY of the cooper sample after different exposures.

From Figure 5.22, a clear trend can be seen: increase of the hydrocarbon content at the surface leads to the IISEY decrease, while even small oxygen presence seems to cause the opposite effect. However, the appearance of fluorine in the final exposure could play a role in the observed increase, necessitating further study in this matter.

#### 6 Conclusions

Following the improvements, the system is performing considerably better when compared to its initial state. The original problem with the XPS acquisition system was resolved, reaching acceptable noise levels. General improvements of the electronics and software allowed for mass analysis to be performed *in situ*. Furthermore, the insight obtained will allow faster solving of eventual issues affecting this system in the future.

During this study it became evident that hydrocarbon contamination is an inevitable consequence of any material exposure to the IG environment. Ion bombardment, which was expected to reduce and eventually suppress the contamination, actually enhances it. While exposure wasn't performed under realistic conditions, it is expected that in true IG environment the prevalence of carbon contamination will be much more significant, since that residual gas contains greater amount of hydrocarbons. It is now clear that even when working in clean environments, hydrocarbons in the residual gas will eventually coat the collector's surface.

After prolonged use, the collector electrode in IG's is expected to be fully covered by hydrocarbons. At this stage, the electrode's IISEY will be relatively stable. Presence of exotic species in the residual gas should lead to their adsorption, eventually provoking variations of the secondary electron yield.

Considering the obtained data, some suggestions regarding electrode composition can be made. Of the three samples, molybdenum seems to be the least suited given the big change in IISEY after exposure. Short term exposure tests revealed that gold showed less change in the low energy range, i.e. 100 to 200 eV. On the other hand, stainless steel proved to be more stable above 200 eV, when kinetic electron emission begins to play the role. As such gold and stainless steel would be good candidates, keeping in mind the expected ion energy range of the device. However, in most cases stainless steel would be the optimal choice given the price difference between both these materials.

Nonetheless, significantly more study is required to confidently choose a standard material for electrode composition, mainly in the realm of prolonged exposure, gas dependence and hydrocarbon saturation rate. Furthermore, testing of additional materials such as graphene could prove interesting given its properties and ease of application.

#### 7 References

- [1] W. Thompson and S. Hanrahan, "Characteristics of a cryogenic extreme high-vacuum chamber," *J. Vac. Sci. Technol.*, vol. 14, no. 1, pp. 643–645, 1977.
- [2] B. Suurmeijer, T. Mulder, and J. Verhoeven, Vacuum Science and Technology. High Tech Insitute & Settels Savenije van Amelsvoort, 2016.
- [3] Stanford Research Systems, "Bayard-Alpert Ionization Gauges," vol. 3, no. 408. p. A-6.
- [4] N. W. Ashcroft and N. D. Mermin, Solid State Physics. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1976.
- [5] H. Winter, F. Aumayr, C. Lemell, J. Burgdörfer, S. Lederer, and H. Winter, "Kinetic electron emission by grazing atom scattering from clean flat metal surfaces," *Nucl. Instruments Methods Phys. Res. Sect. B Beam Interact. with Mater. Atoms*, vol. 256, no. 1, pp. 455–463, 2007.
- [6] G. Lakits, F. Aumayr, M. Heim, and H. Winter, "Threshold of ion-induced kinetic electron emission from a clean metal surface," *Phys. Rev. A*, vol. 42, no. 9, pp. 5780–5783, 1990.
- H. D. Hagstrum, "Auger Ejection of Electrons from Tungsten by Noble Gas Ions," *Phys. Rev.*, vol. 96, no. 2, pp. 325–335, 1954.
- [8] H. D. Hagstrum, "Theory of Auger Ejection of Electrons from Metals by Ions," *Phys. Rev.*, vol. 96, no. 2, pp. 336–365, 1954.
- H. D. Hagstrum, "Auger Ejection of Electrons from Tungsten by Noble Gas Ions," *Phys. Rev.*, vol. 104, no. 2, pp. 317–318, 1956.
- [10] H. D. Hagstrum, "Effect of Monolayer adsoption on the Ejction of Electrons from metals by lons," *Phys. Rev.*, vol. 104, no. 6, p. 1516, 1956.
- [11] L. M. Kishinevsky, "Estimation of electron potential emission yield dependence on metal and ion parameters," *Radiat. Eff.*, vol. 19, no. 1, pp. 23–27, 1973.
- [12] R. A. Baragiola, E. V. Alonso, J. Ferron, and A. Oliva-Florio, "Ion-induced electron emission from clean metals," *Surf. Sci.*, vol. 90, pp. 240–255, 1979.
- [13] A. V. Phelps, L. C. Pitchford, C. Pédoussat, and Z. Donkó, "Use of secondary-electron yields determined from breakdown data in cathode-fall models for Ar," *Plasma Sources Sci. Technol.*, vol. 8, no. 4, 1999.
- [14] P. Varga and H. Winter, "Slow Particle-Induced Electron Emission from Solid Surfaces," *Part. Induc. Electron Emiss. II*, pp. 149–214, 1992.

- [15] U. Fano and W. Lichten, "Interpretation of Ar + -Ar Collisions at 50 KeV," *Phys. Rev. Lett.*, vol. 14, no. 16, pp. 627–629, 1965.
- [16] M. Barat and W. Lichten, "Extension of the electron-promotion model to asymmetric atomic collisions," *Phys. Rev. A*, vol. 6, no. 1, p. 211, 1972.
- [17] N. Bajales, S. Montoro, E. C. Goldberg, R. A. Baragiola, and J. Ferrón, "Identification of mechanisms of ion induced electron emission by factor analysis," *Surf. Sci.*, vol. 579, no. 2–3, 2005.
- [18] E. Willett, *The Basics of Quantum Physics: Understanding the Photoelectric Effect and Line Spectra*, First. The Rosen Publishing group, 2005.
- [19] P. Heide, "X-ray Photoelectron Spectroscopy An introduction to Principles and Practices." 2011.
- [20] C. D. Wagner, W. M. Riggs, L. E. Davis, J. F. Moulder, and G. E. Mullenberg, Handbook of X-Ray Photoelectron Spectroscopy. 1979.
- [21] M. C. Biesinger *et al.*, "Resolving surface chemical states in XPS analysis of first row transition metals, oxides and hydroxides: Cr, Mn, Fe, Co and Ni," *Appl. Surf. Sci.*, vol. 257, no. 7, pp. 2717–2730, 2011.
- [22] M. C. Biesinger, L. W. M. Lau, A. R. Gerson, R. St, and C. Smart, "Resolving surface chemical states in XPS analysis of first row transition metals, oxides and hydroxides: Sc , Ti, V, Cu and Zn," *Appl. Surf. Sci.*, vol. 257, no. 3, pp. 887–898, 2010.
- [23] J. Baltrusaitis *et al.*, "Generalized molybdenum oxide surface chemical state XPS determination via informed amorphous sample model," *Appl. Surf. Sci.*, vol. 326, pp. 151–161, 2015.
- [24] J. H. Horton, "Research Projects." [Online]. Available: http://faculty.chem.queensu.ca/people/faculty/horton/research.html. [Accessed: 15-Sep-2018].
- [25] thermo scientific, "X-Ray Generation." [Online]. Available: https://xpssimplified.com/xray\_generation.php. [Accessed: 15-Sep-2018].
- [26] Balzers, "QMG421 Mass analyzer datasheet." 1992.
- [27] H. U. Becker and G. Messer, "Sensitivity dependence on collector surface properties in ion gauges," *Vide Suppl*, vol. 201, pp. 234–237, 1980.
- [28] H. Gentsch, J. Tewes, and G. Messer, "An improved ion gauge with gold coated electrodes for reliable operation in reactive gases and for use as reference standard,"

Vacuum, vol. 35, no. 3, pp. 137–140, 1985.

- [29] R. P. W. Lawson and G. Carter, "Inert gas bombardment induced work function changes in polycrystalline tungsten and gold ribbon," *Vacuum*, vol. 18, no. 4, pp. 205–210, 1968.
- [30] J. Trigueiro, W. Lima, N. Bundaleski, and O. M. N. D. Teodoro, "XPS spectrometer transmission function optimization by the differential evolution algorithm," *J. Electron Spectros. Relat. Phenomena*, vol. 222, pp. 122–132, 2018.
- [31] D. J. Miller, M. C. Biesinger, and N. S. Mcintyre, "Interactions of CO 2 and CO at fractional atmosphere pressures with iron and iron oxide surfaces: one possible mechanism for surface contamination?," *Surf. Interface Anal.*, vol. 33, pp. 299–305, 2002.
- [32] E. H. Hirsch, "The growth of carbonaceous contamination on surfaces undergoing ion bombardment," *J. Phys. D. Appl. Phys.*, vol. 10, no. 15, p. 2069, 1977.
- [33] E. P. Eernisse, "Light ion bombardment sputtering, stress buildup, and enhanced surface contamination," *J. Nucl. Mater.*, vol. 53, pp. 226–230, 1974.
- [34] J. Taniguchi, N. Ohno, and S. Honda, "Utilizing of hydrocarbon contamination for prevention of the surface charge-up at electron-beam assisted chemical etching of a diamond chip," *Nucl. Instruments Methods Phys. Res. Sect. B Beam Interact. with Mater. Atoms*, vol. 121, no. 1–4, pp. 507–509, 1997.
- [35] F. K. Naehring, A. Schmidt, and J. Schöneich, "Ion Induced Carbon Contamination and Recoil Implatation," *Phys. status solidi*, vol. 141, pp. 141–145, 1977.
- [36] A. Dolgov *et al.*, "Characterization of carbon contamination under ion and hot atom bombardment in a tin-plasma extreme ultraviolet light source," *Appl. Surf. Sci.*, vol. 353, pp. 708–713, 2015.